

TIAGO

Autoria

Há várias pessoas por nome Tiago no Novo Testamento. O mais apontado como sendo o autor desta carta é o mesmo de Atos 15, o meio-irmão de Jesus, uma vez que o Tiago apóstolo foi martirizado nos primeiros anos da história da igreja (Atos 12). Ele não era do colegiado apostólico (os chamados “Doze”). Mesmo assim, era reconhecido como um dos principais líderes da igreja no primeiro século.

Destinatários

As Doze tribos da Dispersão (1:1), são aqueles irmãos judeus que estavam esparramados por várias partes do mundo, bem possivelmente em razão da perseguição que sobreveio à igreja depois da morte de Estêvão (Atos 8). Por isso também, a argumentação e linguagem usada é bem ligada à lei e ao Velho Testamento (citação de personagens, como Abraão, Raabe, Jó e Elias).

Contexto Histórico

Se a data normalmente considerada estiver correta (45 a 50 AD) estiver correta, esta carta foi escrita à época dos acontecimentos da primeira fase do livro de Atos, quando não havia ainda tantos gentios entre os salvos. Muitos deles vieram dentre os sacerdotes e fariseus. Por isso, Tiago ecoa os ensinamentos do Sermão do Monte, onde o Senhor denuncia que a religiosidade dos fariseus e escribas não era suficiente para agradar a Deus e desenvolver o espírito. A proposta daqueles líderes era a de uma fé morta: a observância das leis e tradições (especialmente estas) sem a observância dos princípios subjacentes (Mt 12:1-13; 23:23 etc.) não vale nada.

Esboço da carta

CAP	ASSUNTO
1:1-18	As provações
1:19-27	A lei vivida
2:1-13	A aceitação de pessoas
2:14-26	Fé e obras
3:1-12	A língua
3:13-18	A sabedoria
4	As contendas

5:1-6	Os ricos
5:7-12	A perseverança
5:13-20	O cuidado pastoral

7. As provações (1:1-18)

Os judeus crentes estavam sendo perseguidos e sua fé vinha sendo posta à prova. Estêvão, o primeiro mártir, perdera a vida, mas não negara sua fé em Jesus. Agora, muitos outros tinham saído de suas casas, deixado para trás familiares, empregos, bens e conforto. O que fazer para enfrentar aquela situação? Segundo Tiago, eles necessitavam acima de tudo de sabedoria (1:5) para saberem como se comportar até que a provação passasse.

Observe a diferenciação entre provação e tentação. Segundo Jabesmar Guimarães¹,

“tanto o hebraico ‘massâb’ como o seu equivalente grego ‘pirasmos’ significam tentar. O que define se é provação ou tentação é o contexto no qual a palavra aparece. Ou seja, na hora de traduzir a palavra do hebraico ou do grego para o português a pessoa deve escolher qual sentido se encaixa melhor na frase, no texto.”

As **provações** (1:2-4) são testes à nossa fé. Elas vêm de Deus e, portanto, não são em si mesmas malignas, mas têm como objetivo produzir perseverança que nos levará à maturidade. As provações nos levam à integridade, embora sejam provocadas pelas circunstâncias que não podemos controlar. Textos correlatos sobre as provações estão em I Pedro 1:6-7; 4:12-14; II Coríntios 8:2.

As **tentações** (v.13-16) são ciladas à nossa fé. Não vêm de Deus - são fruto da nossa própria natureza decaída e têm como objetivo gerar o pecado e a morte. As tentações levam-nos à iniquidade, sendo provocadas pela nossa própria cobiça. Apesar de serem incitadas de fora para dentro, encontram sua fertilidade dentro de nós mesmos, cabendo a nós administrá-las adequadamente (I Co 10:13; I Tm 6:9; Mt 6:13).

¹ <http://www.jabesmar.com.br/edificacao/40-tentacao.html>, consultado em 13 de agosto de 2014.

2. A lei vivida (1:19-27)

Aqueles irmãos tinham sido revitalizados pela Palavra de Deus quando creram nela. Porém, os efeitos do Evangelho precisavam ser demonstrados em atitudes práticas. A famosíssima expressão “*não ser somente ouvinte, mas praticante*” vem no versículo 22 e é um importante alerta a todos os que estudam a Bíblia. Conhecê-la é apenas o primeiro passo. Assim como o espelho não limpa a sujeira que aponta em nosso rosto (v.23-24), a letra da Lei não nos transforma. É preciso que o conhecimento seja traduzido nas mudanças de atitudes, conceitos, valores e procedimentos compatíveis com seu ensino.

Por isso, a espiritualidade cristã é mais do que teoria. Tiago dá alguns exemplos práticos – como refrear a língua e cuidar das viúvas e órfãos – do que ele está querendo dizer com ser “*praticante da Palavra*” (v.22). A “*religião pura e sem mácula*” (v.27) é a prática da fé. Esta é a essência do Sermão do Monte (leia Mateus 5:20), que poderia bem ter sido ouvido *in loco* por alguns dos leitores desta epístola.

3. A aceção de pessoas (2:1-13)

Outro exemplo da aplicação prática do espírito da Lei de Deus é a maneira como tratamos as pessoas. Tratar o próximo de acordo com sua aparência exterior ou posição social é algo tão baixo que até mesmo os descrentes recriminam (embora muitos o pratiquem). Na Igreja de Cristo, onde todos foram salvos pela graça, isso não faz qualquer sentido. É uma afronta ao cerne do mandamento central: “*amarás o teu próximo como a ti mesmo*” (2:8).

Tiago demonstra como este ponto é tão crucial para a guarda completa da lei como qualquer outro. Era fácil defender e exigir o cumprimento dos mandamentos “maiores”, como “*não matarás*” ou “*não adulterarás*” e esquecer que a aceção de pessoas é um pecado igualmente grave.

4. Fé e obras (2:14-26)

Estes versículos raramente são analisados à luz do seu contexto imediato. O que Tiago afirma sobre fé e obras é a continuação do argumento iniciado no ponto anterior. Cuidar dos necessitados na igreja local é tarefa inalienável para os cristãos. Faz parte de sua confissão de fé. A insensibilidade nesta área é um desagravo à unidade do Corpo de Cristo e uma incoerência.

A doutrina de Tiago não é antagônica à de Paulo. Ambos afirmam a justificação pela fé e ambos advogam a necessidade de obras que se seguem à conversão. Abraão é justificado por fé quando crê (Gênesis 15:6) e comprova a veracidade de sua fé

quando oferece seu filho Isaque (Gênesis 22:12). Raabe não tem maiores conhecimentos sobre Deus nem sobre a lei, mas quando declara sua fé em Jeová, arrisca sua vida para proteger os espias israelitas, demonstrando que estava levando a sério sua confissão.

5. A língua (3:1-12)

Abrindo outra sessão de sua carta, o autor menciona outro assunto de grande importância prática: o uso da língua. Nesse ponto, lembramos dos ensinamentos de Provérbios, que tantas vezes alerta e educa a respeito de nossas palavras. O falar é um termômetro infalível a respeito da nossa maturidade e sabedoria. Quem “*não tropeça no falar é varão perfeito*” (3:2).

O controle da língua (das palavras) implica no controle do ser inteiro. Uma vez que “*a boca fala do que está cheio o coração*” (Mateus 12:34), aquilo que falamos demonstra o que somos. Ao considerarmos atentamente aquilo que sai da nossa boca, automaticamente estaremos fazendo uma reflexão mais madura também daquilo que pensamos, da maneira como nos expressamos e da necessidade ou intensidade com que o fazemos.

A maioria dos conflitos humanos, se não todos, são provocados pelo mau uso da língua. É por isso que Tiago a considera como uma fagulha que põe fogo na selva (3:5), uma fera indomável (3:6), uma víbora carregada de veneno mortífero (3:8). São imagens fortes, que denotam perigo, risco, destruição e morte. Tudo isso pode ser feito quando voltamos esse potencial nocivo contra as pessoas.

A língua deveria servir para bendizer a Deus e abençoar o próximo (3:9-10) e assim deve ser usada por aqueles que confessam crer em Jesus.

6. A sabedoria (3:13-18)

Tiago compara a sabedoria humana à sabedoria do alto. Não é a quantidade do saber que importa, mas o que ela produz no dia-a-dia. A descrição de uma e de outra são absolutamente contrastantes. O raciocínio é o mesmo de toda a carta: o que fazemos confirma ou nega o que dizemos.

7. As contendas (4)

A falta de sabedoria estava na origem das desavenças entre aqueles crentes. Note que eram cristãos do primeiro século, aos quais tantas vezes aclamamos como o melhor modelo de igreja para todos os tempos! Havia coisas excelentes, mas também havia

os mesmos problemas com os quais a igreja, em todas as épocas incluindo a nossa, sempre se debateram.

Para se resolver as “*guerras e contendas*” entre o povo de Deus há que se atacar a causa: a cobiça, inveja e paixões da carne. Quando essas coisas dominam o coração, o homem mais piedoso se transforma no pior carrasco. Agir assim é copiar o mundo, no que ele tem de mais torpe e vil (4:4). Esse é o tipo de mundanismo que é algumas vezes tolerado pela igreja. A cura para esse mal é “*humilhar-se na presença do Senhor*” (4:10). A atitude de arrogância que leva às brigas se reflete também em outras áreas da vida. O crente orgulhoso perde a noção de dependência de Deus e passa a agir por conta própria (4:11-17).

8. Os ricos (5:1-6)

A riqueza não é condenada em si mesma. Porém, quando sua origem é indigna, ela se torna uma maldição nas mãos de quem a detém. Pode ser que Tiago estivesse se referindo aos ricos do mundo, mas faz mais sentido interpretar esta palavra como tendo sido dirigida aos abastados de dentro da igreja, uma vez que era uma carta enviada aos crentes.

9. A perseverança (5:7-12)

Mesmo à luz das injustiças que a humanidade comete, o justo precisa viver na expectativa da revelação do Juiz de todas as coisas (5:9). Os profetas e os santos do Velho Testamento foram exemplos nesse sentido. Embora nem todos tenham compreendido tudo o que se passava (como foi o caso de Jó), eles não perderam a fé nem se revoltaram contra Deus a ponto de abandoná-lo. A firmeza é uma virtude que nos leva a conhecer a Deus de forma cada vez mais íntima, tornando as explicações desnecessárias.

10. O cuidado pastoral (5:13-20)

Os versículos seguintes versam sobre os cuidados que os irmãos devem ter com os membros da sua comunidade. Não apenas os presbíteros são convocados para orar, mas todos. A mutualidade na oração faz com que seus efeitos atinjam a todos os membros da igreja.

Da mesma forma, quando alguém se desvia do caminho, toda a comunidade se torna responsável por tentar devolvê-lo de seu afastamento da verdade. Conquanto a autoridade pastoral esteja restrita aos presbíteros da igreja, todos os membros são responsáveis uns pelos outros.